

ESTUDOS SOBRE OS PAPÉIS DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS: UMA ABORDAGEM INTERNACIONAL

Studies about interpreters educational roles: an international approach

Neiva de Aquino Albres⁷

RESUMO

O presente trabalho analisa pesquisas acadêmicas na área de interpretação educacional. O objetivo principal desta incursão foi o levantamento e descrição de publicações de periódicos científicos internacionais sobre interpretação educacional. Constatamos que os intérpretes otimizam o acesso visual de todas as informações, facilitam o aprendizado da língua portuguesa e da língua de sinais e dos conteúdos escolares, e promovem oportunidades de participação. Intérprete educacional tem múltiplas demandas com alunos surdos matriculados no ensino regular.

Palavras-chave: Intérprete Educacional, inclusão educacional.

ABSTRACT

This study analyzes the academic research in the field of educational interpreting. The main purpose of this research was the survey and description of publications in international scientific journals on educational interpretation. We note that interpreters optimize visual access, to facilitate the learning of language (Portuguese and sign language) and content, and to cultivate opportunities for participation. Educational interpreter multiple demands in mainstreamed students.

Keywords: Educational interpreting, mainstream classroom.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a política de educação bilíngue mediante a educação inclusiva tem se estabelecido também pela contratação de intérpretes

⁷ Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: neiva.albres@ufsc.br

educacionais para mediar a educação de crianças surdas matriculadas no ensino regular.

Serviços públicos que demandam de interpretação para minorias linguísticas requerem a atividade de interpretação comunitária. Todavia, quando discutimos sobre a esfera da educação, em que há um acompanhamento contínuo e recursos específicos que delineiam a atividade de forma particular, este serviço é, mais especificamente, denominado de “interpretação educacional” (KLUWIN, 1994).

Para muitos estudantes surdos, o acesso à educação geral é fornecido, em parte, usando os serviços de interpretação educacional. Mesmo com um intérprete qualificado e com experiência, o pleno acesso ao conteúdo e vida acadêmica, envolvendo a interação em uma sala de aula, pode ser um desafio, e há muitos aspectos que podem afetar o sucesso da inclusão. Os conhecimentos e papéis desenvolvidos pelo intérprete educacional são alguns dos aspectos críticos.

A partir de uma ampla revisão de literatura internacional, compilamos as primeiras discussões sobre os conhecimentos necessários e os diversos papéis dos intérpretes educacionais. Esperamos, com este texto, impulsionar para mais investigações sobre práticas promissoras em educação inclusiva para surdos no Brasil que envolvam o intérprete educacional, ampliando nossas reflexões.

- ***Conhecimentos***

Intérpretes educacionais necessitam de um conjunto especializado de conhecimentos para desenvolver o seu trabalho. As bases de conhecimento incluem, principalmente, conhecimento sobre as línguas envolvidas em seu trabalho (língua oral e língua de sinais), teoria de interpretação, linguística, aquisição e desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento cognitivo, e do sistema de educação básica (LAWSON, 2012; WINSTON, 1990).

Assim, a formação deveria contemplar estes conhecimentos voltados para a prática, ou seja, para “o fazer” em sala de aula.

- *Papéis*

Diferentes papéis são desenvolvidos pelos intérpretes em sala de aula. Todavia, esses papéis e o que efetivamente devem fazer são pouco delineados pelas escolas e respectivas secretarias de educação (WINSTON, 1990). Autores apontam diferentes expectativas dos profissionais de uma mesma escola sobre o que o intérprete deve fazer, diferindo inclusive do que a família espera deste profissional (ANTIA; KREIMEYER, 2001).

Sabe-se que os intérpretes educacionais atuam para proporcionar o acesso à comunicação e à instrução em sala de aula para os alunos surdos, podendo interpretar as explicações, o diálogo entre professor e aluno, o diálogo entre os colegas ouvintes, como também as informações relevantes provindas de diferentes pessoas. Esta é a resposta inicial para quando se pergunta sobre o papel dos intérpretes em sala de aula. Além de interpretar, o que mais os intérpretes fazem? Estas outras atividades não seriam também essenciais para a inclusão do aluno surdo? Não deveriam estar delineadas como seu papel, em uma perspectiva inclusiva, visto que o objetivo final seria o ensino-aprendizagem dos alunos surdos?

Para Lawson (2012), o encontro de dois campos, educação e interpretação, comporta duas perspectivas diferentes de necessidades e premissas para se definir o papel do intérprete. O próprio campo dos estudos da interpretação é bem recente, inclusive quando se discute a interpretação de modalidade de língua gestual-visual em esfera educacional; e para a educação, a inserção, de mais um agente (o intérprete) na escola também é algo novo. Então, estamos desbravando um campo de estudo interdisciplinar e emergente.

Muitas das pesquisas sobre inclusão e a atividade dos intérpretes educacionais, no Brasil, vêm sendo desenvolvidas no campo da educação (SANTOS, 2013), porém distantes do campo dos “Estudos da interpretação”, que já delineou uma trajetória de estudos predominantemente sobre a interpretação de conferência e sobre línguas de modalidade oral. Esse pode ser apontado como um problema científico considerando que conhecimentos já produzidos sobre diferentes pares lin-

guísticos poderiam contribuir consideravelmente com as pesquisas sobre educação de surdos e inclusão.

Outro problema é que se tem tratado sobre os papéis do intérprete educacional de maneira indistinta, como se todos, em todos os níveis de ensino, desenvolvessem os mesmos papéis. O que já se sabe é que o papel do intérprete muda a depender da idade/série dos estudantes. Quanto mais elementar a educação e menor a idade do aluno, mais tarefas devem ser desenvolvidas; quanto maior o nível de ensino e de idade do aluno, menos atividades pedagógicas recaem sobre o intérprete que concentrar-se-ia mais em aspectos interpretativos/discursivos. (Figura 1)

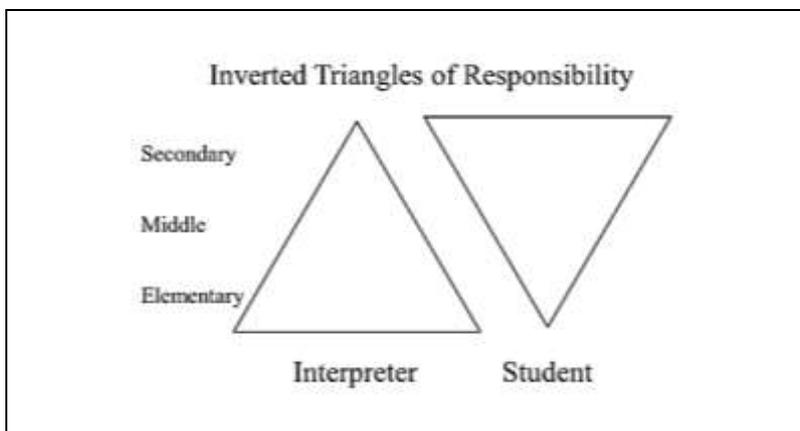


Figura 1: Triângulos representando a responsabilidade proporcional do intérprete e do estudante durante a variação dos níveis de escolaridade.
 Fonte: Baseado em Lawson (2012)

É difícil incluir todas as responsabilidades que estão envolvidas na atividade do intérprete educacional, ou seja, decidir o que deve ou não deve ser incluído no seu papel tem sido quase impossível (ANTIA; KREIMEYER, 2001). O que se pode afirmar é que ao fazer parte de uma equipe pedagógica, o intérprete assume diferentes papéis que não só o de interpretar. Que papéis esta atividade envolveria?

Jones (2004) indica essencialmente quatro papéis para intérpretes que atuam no ensino fundamental. Seriam eles: 1) a **interpretação** é o principal; 2) desempenha também a **tutoria**, um papel significativo na vida quotidiana dos alunos surdos, sendo a segunda responsabilidade mais frequente do intérprete educacional; 3) o intérprete funciona como um **assistente** na sala de aula e no ambiente escolar, como se espera de todos os funcionários da escola; e 4) o intérprete também atua como um **consultor**.

Dentre esses papéis, compilamos a seguir, várias atividades que deles se desdobram:

1. INTERPRETAR AS LÍNGUAS (ORAL E DE SINAIS)

Este é o principal papel do intérprete: interpretar para facilitar a comunicação, para fornecer acesso às informações sonoras do ambiente escolar (ANTIA; KREIMEYER, 2001; SMITH, 2010). Todavia, há diversos outros aspectos envolvidos neste processo.

Apesar de muitos terem expectativas de uma interpretação literal, Antia e Kreimeyer (2001) indicam que o intérprete educacional atua muito mais ilustrando explicações do professor, adequando a linguagem ao nível do aluno, esclarecendo instruções do professor, auxiliando na interação entre pares (crianças surdas e ouvintes), facilitando a comunicação e o entendimento. Os autores complementam ainda que os professores têm preferido o intérprete como um "participante ativo", que colabora com a compreensão do aluno surdo do que como um mero "repetidor".

Desta forma, os intérpretes mesclam os estilos de interpretação. Pesquisas indicam que alunos surdos maiores e mais conscientes dos seus processos de aprendizagem preferem intérpretes que combinam os dois estilos de interpretação, ou seja, da alternância entre as traduções literal e livre (pelo sentido). Ao fazê-lo, os alunos podem acessar o conteúdo da aula em língua de sinais ao mesmo tempo em que acessam a terminologia específica do assunto ou se apropriam da linguagem aca-

dêmica na língua oral (BEAVER; HAYES; LUETKE-STAHLMAN, 1995).

Como pode ser visto, nestas categorias, os intérpretes são frequentemente convidados a desenvolver outros papéis, além do papel primário de interpretar, quer em interpretação simultânea ou consecutiva (ALBRES; SANTIAGO, 2012).

2. MOTIVAR A INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS SURDOS E OUVINTES

Estudos indicam que as crianças surdas interagem em menor frequência com outras crianças em sala de aula inclusiva, quando comparadas às interações das crianças ouvintes. Quando há mais de um surdo em sala de aula, esses alunos acabam por interagir quase que somente entre si. Concluiu-se que a proximidade física é necessária, mas não uma condição suficiente para a interação social e que as oportunidades para que isso ocorra entre alunos ouvintes e surdos precisam ser cuidadosamente planejadas em propostas de educação inclusiva (ANTIA, 1982; BATTEN; OKAES; ALEXANDER, 2014).

Mesmo quando um intérprete é altamente qualificado e tem uma boa relação profissional com o professor em sala de aula regular, a educação de um aluno surdo ou deficiente auditivo é diferente por meio de um intérprete. O acesso do aluno aos discursos em sala de aula, às interações entre pares e amizades verdadeiras são altamente relevantes para o desenvolvimento de habilidades de pensamento. O acesso não deve ser apenas sobre o que o professor diz (SCHICK, 2004, p.75 – *tradução nossa*).

O intérprete educacional tem um papel fundamental ao estabelecer o elo entre as crianças, em atividades em grupo de tarefas conjuntas. Interpretando conversas paralelas, promovendo o insumo para interações sobre outros assuntos além dos temas da aula. Desta forma, a sua atividade não deve ser apenas de interpretar o discurso do professor (explicações e orientações), mas também de promover a interação.

3. SER MODELO LINGUÍSTICO PARA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM (LÍNGUA DE SINAIS E LÍNGUA ESCRITA)

Outro papel que permeia toda a ação do intérprete educacional é o papel de modelo linguístico, de alguém que, de certa forma, ensina a língua de sinais para a criança surda (WINSTON, 1985; ANTIA; KREIMEYER, 2001; LAWSON, 2012). Consideramos que em sala de aula, em interação em língua de sinais, intérprete e aluno conversam, negociam significados e usam intensamente a linguagem para fim educacional, o que propicia uma aquisição de linguagem contextualizada (apropriada). Então, o aluno surdo se serve do intérprete como um interlocutor mais experiente para desenvolver sua língua de sinais.

Em algumas regiões do país, o intérprete é o único usuário de língua de sinais e pessoa fluente com quem o aluno tem contato regularmente. Considerando que diante do quadro histórico e social de muitas crianças surdas, que apresentam atraso na aquisição da linguagem, o papel de quem ensina a língua em interação natural é legítima ao intérprete e inquestionável, apesar de compreendermos que não deveria ser ele o único a interagir com o aluno surdo em língua de sinais. No Brasil, a política educacional, prevê que o aluno surdo tenha como modelo linguístico, também, outros profissionais, como: o professor bilíngue, professor de português como segunda língua e o professor de Libras.

Crianças surdas nascidas de pais ouvintes não serão fluentes durante os anos críticos da aquisição da linguagem, portanto, apenas os melhores intérpretes deveriam estar trabalhando com eles, intérpretes proficientes e com formação (JONES et al., 1997).

Os intérpretes também ensinam a língua escrita para as crianças surdas. Quando leem um texto junto, quando negociam significado e constroem listas de palavras essenciais do texto estão ensinando a escrita. Quando respondem um questionário de uma atividade de análise e interpretação de texto e soletram as palavras usando o alfabeto manual, propiciam ao aluno surdo o contato e uso da escrita. Instruem os alu-

nos surdos quanto às estratégias metacognitivas para aumentar comportamento estratégico de leitura e dessa forma contribuem para aumentar a compreensão da leitura para os alunos surdos (SCHICK, 2004).

4. PESQUISAR, OBTER E APROVEITAR OS RECURSOS DISPONÍVEIS

As atividades em sala de aula são as mais diversas possíveis. A interação face a face ocorre também com base em diferentes materiais como página específica do texto, apostilas ou livros didáticos; de materiais expostos para todos os alunos como mapas, gráficos, slides, vídeo ou apresentações. Assim, o intérprete precisa fazer um bom uso desses materiais (SMITH, 2010).

Por vezes, professores em salas de aulas inclusivas, não utilizam de tantos recursos. A busca por materiais escolares que explorem intensamente aspectos multimodais pode ser atividade do intérprete. Há projetos em que o intérprete educacional tem um *tablet* a mão com acesso à internet para a busca por materiais como imagens, animações e esquemas que contribuam com o processo ensino-aprendizagem.

5. AUXILIAR OS ALUNOS NA EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Este tópico refere-se a desenvolver um papel de tutoria nas aulas, contribuindo com o aluno surdo na execução das tarefas que compõem as aulas. Desta forma, auxiliar o professor, especificamente com o aluno surdo, inclui ver as questões dos alunos e ajudando-os com atividades de aprendizagem, conforme for apropriado (STINSON; LI, 1999, p.200).

Pesquisas indicam que os intérpretes interpretam ao mesmo tempo em que orientam o aluno, que executam com eles as atividades. Então, seria uma dupla atividade (interpretação e tutoria). Conforme

dados de pesquisa etnográfica, menos de 20% do discurso dos professores foi interpretado enquanto nenhuma outra função fosse executada que não interpretar em nível de ensino fundamental (primeira etapa). Os intérpretes passaram mais tempo em dupla atividade (tutoria e interpretação do discurso de sala de aula). Concluem que o acesso à comunicação é impactado positivamente pelo múltiplo preenchimento dos papéis do intérprete em sala de aula, em especial, o papel do tutor (SCHICK; WILLIAMS; BOLSTER, 1999).

As pesquisas indicam que os intérpretes também auxiliam as crianças em suas atividades para casa, desde atividades de completar os livros didáticos a atividades de pesquisa e estudos de textos. (JONES; CLARK; SOLTZ; 1997). Para isto, um tempo específico deve ser destinado para esta atividade.

6. TOMAR NOTAS PARA OS ALUNOS SURDOS

Há uma gama de informações que precisam ser anotadas na dinâmica da aula, como: orientações do professor, atividade que requer completar uma planilha escrita, na correção de respostas escritas, instruções para atividade individualmente ou em grupos (SMITH, 2010). Em atividade de interpretação consecutiva as notas do intérprete podem ficar para o aluno surdo e servir como material de estudo (ALBRES; SANTIAGO, 2012).

7. ENSINAR O ALUNO SURDO COM SUPERVISÃO DOS PROFESSORES

Em aulas específicas, os intérpretes podem trabalhar mais diretamente com os alunos surdos ensinando conteúdos. Trabalhando, desta forma, com sistema de co-docência (LUCKNER; MUIR, 2001). Este tipo de atividade é mais pertinente para os primeiros anos escolares.

8. PRODUZIR MATERIAIS PARA AS AULAS

Jones, Clark e Soltz (1997) indicam que os intérpretes produzem materiais. Materiais relacionados aos conteúdos curriculares que sirvam para as aulas e para o estudo do aluno surdo. Em parceria com o professor planejam e modificam materiais para o aluno surdo (ANTIA; KREIMEYER, 2001). Por exemplo, produzem legenda em vídeo aula passando pelo processo de tradução ou mesmo a produção de vídeo-síntese do conteúdo das aulas que o aluno surdo participou.

9. CONTRIBUIR COM A AUTOCONFIANÇA E INDEPENDÊNCIA DO ALUNO SURDO

O papel do intérprete muda não só de aluno para aluno, mas de nível de ensino em que o aluno está matriculado. À medida que a criança amadurece, tornando-se adolescente, o intérprete educacional pode desempenhar um papel significativo na capacitação do aluno para sua auto-defesa e autoconfiança. Incentivando o aluno a ter um papel mais ativo na determinação de suas necessidades. Os intérpretes podem ajudar neste processo, compartilhando a responsabilidade do acesso à comunicação com o aluno, a fim de que o aluno solicite intérpretes, solicite apoio para as aulas e atividades extra-curriculares, e inicie conversas com outras pessoas (LAWSON, 2012).

10. INFORMAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO

Os intérpretes também contribuem com o acompanhamento da aprendizagem do aluno surdo por meio de informações sobre o aluno para a equipe pedagógica, ou seja, sobre seu progresso acadêmico (ANTIA; KREIMEYER, 2001). “Neste papel, o intérprete pode fun-

cionar da mesma maneira que o professor especialista que atende os alunos surdos. Em sala de aula, o intérprete é a pessoa que mais interage com o aluno, ele pode ser capaz de compartilhar mais facilmente informações sobre o processo de aprendizagem do que o professor regente” (STINSON; LIU, 1999, p.200 – tradução nossa). Talvez isso ocorra pelo intérprete acessar as conversas subordinadas e por auxiliar o aluno na execução das atividades.

11. ENSINAR LÍNGUA DE SINAIS PARA ALUNOS OUVINTES

Antia e Kreimeyer (2001) indicam que os intérpretes educacionais ensinam língua de sinais para os alunos ouvintes em processos de mediação de atividades em grupo. Os intérpretes instruem os alunos ouvintes de como se expressar em língua de sinais para interagir com os alunos surdos.

12. CUIDAR DE APARELHOS AUDITIVOS

Os intérpretes orientam os alunos surdos com os cuidados com seu aparelho e verificam o aproveitamento do mesmo nas atividades escolares.

Este modelo de diferentes atividades sobrepostas representa a realidade de vários intérpretes também no Brasil. É inegável que todos os papéis descritos neste texto são fundamentais para o bom aproveitamento do aluno surdo e para sua educação, não podendo ser negligenciado o tempo para estas outras atividades, principalmente, as de preparação de materiais, estudos e pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os anos 1980, os estudos compilados, discutem a necessidade de conhecer os papéis dos intérpretes educacionais dependendo da idade e da experiência dos alunos surdos com quem trabalham. A literatura levantada nos forneceu dados de práticas desenvolvidas por intérpretes educacionais, sobre suas atividades ou mesmo sobre os métodos de interpretação (WINSTON, 1990; STEWART; KLUWIN, 1996; JONES *et al.*, 1997; ANTIA; KREIMEYER, 2001).

As crianças pequenas precisam de mais apoio e têm menos capacidade de desenvolver as atividades com autonomia ou de acompanhar as aulas apenas pela interpretação. Dessa forma, o intérprete pode preencher mais papéis com esses alunos. À medida que os alunos crescem, o intérprete vai restringindo os múltiplos papéis até que no nível secundário de educação, o intérprete interpreta com poucas responsabilidades adicionais (HUMPHREY; ALCORN, 1995). Este paradigma tem sido descrito como “triângulos invertidos” de “distribuição de responsabilidades” (SMITH, 2010), como mostrado na figura 1. A atuação de intérpretes educacionais para alunos surdos não é tão simples como pode parecer.

Mais pesquisas empíricas podem ajudar a esclarecer o que os intérpretes fazem, o que funciona em termos de papéis e responsabilidades para o acesso, e o que melhor irá servir aos alunos surdos em uma educação inclusiva, ou seja, é necessário estudar sobre o impacto destes diferentes papéis em mediação para o acesso do aluno surdo ao discurso de sala de aula. Desta forma, precisamos compreender melhor sobre as funções de intérpretes educacionais, funções paralelas e funções simultâneas e seu impacto sobre a educação de um aluno surdo.

Descrevemos que os intérpretes educacionais preenchem uma variedade de papéis em suas escolas, incluindo interpretar, ser tutor, ser assistente, consultor e outros. A fim de proporcionar aos alunos surdos uma adequada educação pública lhes foi prometido por meio de educação bilíngue, seja em classe bilíngue ou classe inclusiva, nos termos do

decreto nº 5.626/2015 que teriam acesso a educação por meio da Libras. Em que medida a presença do intérprete educacional garante uma educação bilíngue? Esta é outra questão que precisa ser investigada em conjunto com a discussão sobre os papéis dos intérpretes educacionais.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. de A. A. Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre as duas modalidades de interpretação - simultânea e consecutiva. *Espaço*, v. 38, p. 14-27, 2013.
- ANTIA, S. Social interaction of partially mainstreamed hearing-impaired children. *American annals of the deaf*. 03/1982; 127(1):18-25.
http://www.researchgate.net/publication/16125608_Social_interaction_of_partially_mainstreamed_hearing_-impaired_children
- ANTIA, S. D.; KREIMEYER K. H. The role of interpreters in inclusive classrooms. *American Annals of the Deaf*. v. 146, n. 4., p. 355-365, 2001. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/11542851_The_Role_of_Interpreter_in_Inclusive_Classrooms
- BATTEN, G.; OAKES, P. M.; ALEXANDER, T.. Factors associated with social interactions between deaf children and their hearing peers: a systematic literature review. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. 19:3 July 2014. Disponível em: <http://accuword.org/wp-content/uploads/2014/09/Factors-Associated-with-Social-Interactions-Between-Deaf-Children-and-Their-Hearing-Peers.pdf>
- BEAVER, D.L.; HAYES P.L.; LUETKE-STAHLMAN, B.. In-service trends. General education teachers working with educational interpreters. *American annals of the deaf*. Mar; v. 140, n.1, p. 38-46. 1995 Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7778516>
- HUMPHREY, J. H.; ALCORN, B. J. *So you want to be an interpreter?: An introduction to sign language interpreting*. 2. ed.. Amarillo, TX: H & H Publishers. 1995.
- JONES, B. E.. Competencies of K-12 educational interpreters: What we need versus what we have. In: WINSTON EA. (Ed.), *Interpreted education: how it can succeed*. Washington, DC: Gallaudet University Press. 2004. Disponível em: <http://gupress.gallaudet.edu/excerpts/EIsix.html>

JONES, B.E.; CLARK, G. M.; SOLTZ, D. F. Characteristics and practices of sign language interpreters in inclusive education programs. *Journal Exceptional Children*. v. 63, p.257-268. 1997. Disponível em: <http://ecx.sagepub.com/content/63/2/257.full.pdf>

KLUWIN, T. N. Interpreting services for deaf youngsters who are deaf in local public school programs. *Journal of American Deafness and Rehabilitation Association*, v. 28, n. 2, p. 21-29, 1994.

LAWSON, H. R.. *Impact of Interpreters Filling Multiple Roles in Mainstream Classrooms on Communication Access for Deaf Students*. Master's Thesis, University of Tennessee, Knoxville. 2012. Disponível em: http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2413&context=utk_gradthes

LUCKNER, J.L.; MUIR, S. Successful students who are deaf in general education settings. *American Annals of the Deaf*, v. 146, n. 5, p. 450-461, 2001.

MARSCHARK, M. et al. Benefits of Sign Language Interpreting and Text Alternatives for Deaf Students' Classroom Learning. *J Deaf Stud. Deaf Educ.* v. 11, n. 4, p. 421-437, 2006. Disponível em: <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/11/4/421.full.pdf+html>

SANTOS, Silvana Aguiar. *Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal Santa Catarina: Florianópolis. 2013.

SCHICK; B., WILLIAMS, K, BOLSTER, L. Skill levels of educational interpreters working in public schools. *Journal of the Deaf Student Deaf Education*. v. 4, n. 2, p.144-55. 1999. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15579883>

SCHICK, B.. How Might Learning through an Educational Interpreter Influence Cognitive Development? In: WINSTON, E. A. (ed). *Educational Interpreting: how it can succeed*. Washington, DC.: Gallaudet University Press. 2004. 4: 73-85.

NAPIER J; BARKER R. Accessing university education: perceptions, preferences, and expectations for interpreting by deaf students. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. . 9, n. 2, p.228-238. 2004. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15304444>

SMITH, M. B. *More than meets the eye: revealing the complexities of K-12 interpreting* (Doctoral dissertation). University of California. UC San Diego Electronic Theses and Dissertations. Retrieved from ProQuest LLC. 2010. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/4x97p586>

STEWART, D. A.; KLUWIN, T. N. The gap between guidelines, practice, and knowledge in interpreting services for deaf students. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v.1, n.1, p 29–39, 1996.

STINSON, M. S.; LIU, Y.. Participation of deaf and hard-of-hearing students in classes with hearing students. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 4, n. 3, p. 191-202, 1999. Disponível em:
<http://jdsde.oxfordjournals.org/content/4/3/191.full.pdf+html>

WINSTON, E. A. Mainstream interpreting: an analysis of the task. In: Proceedings of the Eighth National Convention, SWABEY, L. (Ed.), *Conference of Interpreter Trainers*. 1990. <http://tiemcenter.org/wp-content/uploads/sites/6/2012/06/Mainstream-Interpreting-An-Analysis-of-the-Task-CIT-1990.pdf>

